

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS MODERNAS
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS PORTUGUÊS/INGLÊS

MILENA CRYSTINA LEGROSKI

**O PODER DISCIPLINAR EM A HISTÓRIA DA AIA, DE MARGARET
ATWOOD: O PANÓPTICO NA VIDA DE OFFRED**

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

CURITIBA

2014

MILENA CRYSTINA LEGROSKI

**O PODER DISCIPLINAR EM A HISTÓRIA DA AIA, DE MARGARET
ATWOOD: O PANÓPTICO NA VIDA DE OFFRED**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em Letras Português/Inglês, do Departamento Acadêmico de Comunicação e Expressão e do Departamento Acadêmico de Línguas Estrangeiras Modernas, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Regina Helena Urias Cabreira

CURITIBA

2014



Ministério da Educação
Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Campus Curitiba
Departamento de Comunicação e Expressão
Departamento de Línguas Estrangeiras Modernas
Licenciatura em Letras Português/Inglês



TERMO DE APROVAÇÃO

O PODER DISCIPLINAR EM A HISTÓRIA DA AIA, DE MARGARET ATWOOD: O PANÓPTICO NA VIDA DE OFFRED

por

MILENA CRYSTINA LEGROSKI

Este(a) Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) foi apresentado em 28 de fevereiro de 2014 como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Letras Português e Inglês. A candidata foi arguida pela Banca Examinadora composta pelos professores abaixo assinados. Após deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho aprovado.

(Regina Helena Urias Cabreira)
Prof^a Orientadora

(Jaqueline Bohn Donada)
Membro titular

(Márcia dos Santos Lopes)
Membro titular

- O Termo de Aprovação assinado encontra-se na Coordenação do Curso -

AGRADECIMENTOS

À Guilherme e Ingrid, que me ajudaram com as constantes discussões. À Ismail, que ajudou também. À todas as outras pessoas da turma, pelos momentos de divisão de trabalhos, de companheirismo, de dúvidas e de certezas que tivemos juntos.

À Professora Andréia, por ter acompanhado o nosso processo com muita dedicação e disponibilidade nas duas disciplinas destinadas a esse trabalho.

À Professora Regina, por ter me adotado. O olhar carinhoso e paciente sobre esse arquivo fez toda a diferença.

Aos membros da banca – Jaqueline Donada e Márcia Lopes –, pela dedicação em ler e refletir sobre o meu trabalho ajudando, assim, no resultado final desse trabalho.

À Northon, por ser meu grande companheiro na vida. Os momentos juntos que sacrificamos, os textos que levei em passeios e os trechos que pedi para serem ditados valeram a pena.

À família, por ter lidado com meus momentos de estudo, ter colaborado com o dinheiro para cópias, ter investido em alguns livros. Eis o resultado.

- Ele quer saber se vocês são felizes – diz o intérprete. Posso imaginar a curiosidade deles. *Elas são felizes? Como podem ser felizes?* (...) Deglen não diz nada. (...) Às vezes, contudo, não falar é tão perigoso quanto falar.
- Sim, somos felizes – murmuro. Tenho que dizer alguma coisa. O que mais poderia dizer?

(ATWOOD, Margaret, 1987)

RESUMO

LEGROSKI, Milena Crystina. **O poder disciplinar em A história da Aia, de Margaret Atwood**: o panóptico na vida de Offred. 2014. 33f. Trabalho de Conclusão de Curso Licenciatura em Letras Português/Inglês - Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Curitiba, 2014.

Percebemos, durante a história, a existência de muitos regimes totalitários nos governos de todo o mundo. Sendo assim, é natural que tais regimes sejam retratados na literatura e, particularmente, abordados de maneira frutífera na escrita de cunho distópico. É o que acontece em *A História da Aia* (1985), da autora canadense Margaret Atwood, que traz uma sociedade totalitária de opressão e silêncio, especialmente para as mulheres. Com base na análise dessa obra, este trabalho pretende reconhecer os elementos panópticos na trajetória da narradora-personagem Offred. Para tanto, será utilizada a teoria sobre o panóptico na sociedade de Foucault presente em *Vigiar e Punir* (1987) e a teoria literária de Hutcheon sobre poder, discurso e ideologia desenvolvida em *Poética do Pós-modernismo: história, teoria e ficção* (1991). A partir dessa análise, a presente pesquisa bibliográfica analisará os traços de regimes totalitários presentes na obra e a situação da personagem Offred e estabelecerá um paralelo com a situação das mulheres hoje.

Palavras-chave: Literatura distópica. Panóptico. Offred. Pós-modernismo. Feminino na literatura.

ABSTRACT

LEGROSKI, Milena Crystina. **Disciplinary authority in Margaret Atwood's *The Handmaid's Tale***: the panopticon in Offred's life. 2014. 33f. Trabalho de Conclusão de Curso Licenciatura em Letras Português/Inglês - Federal Technology University - Parana. Curitiba, 2014.

The existence of totalitarian governments all over the world can be traced throughout history. Therefore, it is natural that such political situation be depicted in literature, and can be vastly explored in dystopic fiction. This happens in *The Handmaid's Tale* (1985), by Canadian author Margaret Atwood, which presents us an oppressive and silent totalitarian society, especially for women. Based on the analysis of this novel, the following project intends to recognize panoptical elements in the narrator and main character Offred's story and to establish a parallel with the situation of women in recent history. In order to achieve that, we will use the panopticon in society based on Foucault's *Discipline and Punish* (1987) and the literary theory about power, speech and ideology developed in Hutcheon's *A Poetics of Postmodernism: History, Theory, Fiction* (1991). From that, this bibliographical research will analyze the traces of totalitarianism during the novel, the situation of the character Offred and establish a parallel with women today.

Keywords: Dystopic literature. Panopticon. Offred. Postmodernism. Feminine in literature.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 REVISITANDO AS TEORIAS DE FOUCAULT E HUTCHEON.....	13
2.1 FOUCAULT: A DISCIPLINA SOCIAL ESMAGADORA	13
2.2 HUTCHEON E A CAÓTICA FICÇÃO PÓS-MODERNA.....	15
3 FORMAS DE CONTROLE EM GILEAD	17
3.1 BANAL É TUDO AQUILO AO QUAL SE ESTÁ ACOSTUMADO.....	18
3.2 DAI-ME FILHOS, SE NÃO EU MORRO. ISSO PODE TER MAIS QUE UM SIGNIFICADO	22
3.3 BÍBLIA: O LIVRO MAIS PODEROSO DE TODOS OS TEMPOS	25
CONSIDERAÇÕES FINAIS	30
REFERÊNCIAS	32

1 INTRODUÇÃO

O totalitarismo político¹ marca a história da humanidade em muitos momentos diferentes. Mesmo a história brasileira: há pouco menos de trinta anos nos vemos em um regime que se diz democrático². Sendo assim, percebe-se que os sistemas políticos humanos vivem em constante oscilação e, por mais que um sistema viva um momento de democracia, está constantemente sujeito a tendências totalitaristas que podem, ou não, tomar o poder.

Mesmo que uma sociedade não viva um momento de totalitarismo, ela possui relações intensas de poder: o Brasil democrático de hoje, por exemplo, ainda possui hierarquias, escolas, hospitais, universidades, que são locais que centralizam conhecimentos, habilidades, e que apenas “escolhidos” podem frequentar, de acordo com as regras sociais estabelecidas pelas classes de prestígio. Essas relações constantemente são consideradas como naturais e imutáveis, mas são na verdade constituintes de uma complexa rede de poderes.

Dessa forma, nada mais natural que tanto sistemas totalitários quanto relações de poder sejam representados de diferentes maneiras na arte, em especial para esse trabalho a literatura, particularmente a de cunho distópico³, que é o foco dessa discussão. A partir dessas questões, esse Trabalho de Conclusão de Curso pretende realizar a exploração do romance distópico *A História da Aia* (1985) de Margaret Atwood e, a partir da narração da personagem Offred, encontrar as características panópticas da República de Gilead que influenciavam a vida de todas as cidadãs, mas especificamente a das Aias e estabelecer, a partir dessa análise, possíveis paralelos com a situação da mulher hoje.

Particularmente sobre o cenário da produção literária de língua inglesa, pode-se perceber que a produção canadense em inglês vem ganhando destaque, especialmente pelo grande número de obras premiadas e que vem gradativamente ganhando reconhecimento internacional, especialmente a partir do fim dos anos 80.

¹ Sistema político no qual o Estado regulamenta e controla aspectos da vida pública e privada de seus governados, retirando a liberdade e a privacidade, fazendo uso do terror como instrumento de dominação (cf. ARENDT, Hannah, 1989, p. 375).

² Considera-se que o período ditatorial no Brasil começou em abril de 1964 e terminou em março de 1985 (cf. REGO, 2008, p. 17-20).

³ Narrativas que preveem cenários pessimistas sobre o futuro da humanidade. O exemplo mais conhecido desse tipo de narrativa é o romance *Nineteen Eighty-Four* (publicado em 1949). Pode ser encontrada também no cinema (In: CUDDON, J.A. “The Penguin Dictionary of Literary Terms and Literary Theory”. London: Penguin Books, 1992).

Quando estudamos as literaturas de língua inglesa no Brasil, apesar disso, raramente pensamos na literatura canadense que, especialmente no século XX, vem apresentando textos reconhecidos como de qualidade, como os textos dos autores: Frederick Philip Grove (1879-1948), Morley Callaghan Ostenso (1900-1963), Sinclair Ross (1908-1996), Mac Lennan (1907-1990), Audrey Thomas (1935), Marian Engel (1933-1985), Earle Birney (1904-1995), Leonard Cohen (1934), George Bowering (1935) e Michael Ondaatje (1943), e recentemente a ganhadora do Prêmio Nobel Alice Munro. Entretanto, eles são pouco conhecidos por quem tem interesse nos estudos de literatura de língua inglesa. Dessa forma, realizar tal estudo podem enriquecer as discussões realizadas na área, trazendo novos textos para serem debatidos.

Nesse contexto, destaca-se Margaret Atwood, escritora nascida em 1939, que publicou seu primeiro livro, *The Edible Woman*, em 1969 e, desde então, lançou mais 12 romances. Divulgou ainda trabalhos em forma de poesia, contos, livros infantis, livros de não ficção e teatro. Dentre esse vasto campo de produções, destaca-se o romance *The Handmaid's Tale*⁴.

Na obra, acompanhamos a história de Offred⁵, uma mulher que, quando um novo sistema político com caráter conservador assume o poder e os Estados Unidos da América se tornam a *República de Gilead*, é retirada de seu convívio familiar por ser uma mulher fértil em um mundo em que poucas podem gerar um filho. Uma vez retirada de sua família, ela assume uma nova identidade e passa por uma sucessão de treinamentos e adestramentos, a fim de se tornar um receptáculo para os filhos das famílias de classes abastadas. Conhecemos, assim, um ambiente de controle, de submissão e de jogos de poder, onde poucas mulheres sabem o que realmente acontece no cenário político e social.

A mulher foi historicamente alienada do poder social. Marginalizada desde que o mundo passou a valorizar a racionalidade e o cientificismo, em prol da sensibilidade e do contato com a natureza, considerada o sexo mais frágil, que necessita de proteção e auxílio constantes; às mulheres das classes privilegiadas eram destinados os postos de donas de casa e mães, enquanto aos homens cabia o defender a casa e seus bens, prover para a família recursos materiais e tomar as

4 O *Conto da Aia* ou *A História da Aia*, dependendo da tradução em português.

5 No original em inglês, o nome da personagem é Offred, constituído por Of (de) e Fred, o nome do Comandante. Em português, seu nome segue a mesma lógica – Defred, ou seja, De Fred. Neste trabalho, optamos por usar o nome original.

grandes decisões. Tais papéis estão incutidos nas sociedades ocidentais e geram as tensões de poder entre os gêneros, que acabam decidindo quem domina e quem é dominado.

Considerando essa ambientação, este trabalho possui como foco a análise dos elementos de controle utilizados para doutrinar e regular todos os personagens selecionados para viver como *aias*. De maneira especial trataremos de Offred, que é a narradora da obra e que, partindo de uma perspectiva em primeira pessoa, apresenta as aflições e os anseios de quem não pode mais se lembrar de seu passado, para manter a sua segurança, e teme por seu futuro. Sendo assim, procuramos reconhecer os elementos relacionados ao poder disciplinar presentes no cotidiano da personagem Offred e estabelecer um paralelo com o tratamento dado à mulher nos anos finais do século XX e início do século XXI, encontrando características panópticas no sistema político na obra *A História da Aia*; discutindo o poder disciplinar durante a história e sua influência na vida de Offred e comparando o tratamento direcionado à mulher na obra e na história recente.

Para a realização de tal pesquisa, faz-se necessária a releitura do romance, atentando para a trajetória da protagonista (Offred), ressaltando a questão de poder disciplinar, visto que essa é a delimitação proposta por esse projeto. Para tal, será preciso fazer um levantamento bibliográfico sobre a representação do poder na literatura e na sociedade. Dessa forma, será possível expor os elementos de controle na sociedade de Gilead. Tratando-se de uma obra literária, a seguinte pesquisa será de ordem qualitativa, pois a interpretação sofrerá a interferência de seu investigador.

Após a releitura e os levantamentos teóricos, serão aplicadas as teorias de Foucault e Hutcheon para assim explicar as questões referentes à temática desse projeto, ou seja, ao poder disciplinar e ao panóptico na sociedade, e interligá-las tanto com as questões socio-históricas quanto com as obras literárias em si. Além disso, haverá o levantamento e a leitura dos trabalhos já desenvolvidos dentro do tema proposto, a fim de verificar o que já foi estudado e não tornar esse trabalho redundante.

Por fim, reunindo essas etapas, se realizará a análise da obra enfocando na protagonista Offred, e atentando para o que já foi exposto anteriormente.

Pretende-se considerar o sistema punitivo e conservador criado no romance e que, apesar de ser citado, ainda não foi analisado profundamente no âmbito dos estudos literários. Desse modo, essa pesquisa realizará uma releitura dos confrontos presentes durante toda a obra entre os anseios de liberdade, inerentes a todos os humanos e expressos por Offred, e os mecanismos de repreensão e manutenção de uma posição política radical. Por meio de comparações do papel dos organismos punitivos na sociedade de Gilead, e das ordens sociais presentes atualmente, este trabalho pretende estabelecer uma relação entre o sistema político e o humano que constitui as sociedades.

Ainda de acordo com os objetivos, essa análise pretende estabelecer algumas relações sociológicas entre o romance e a sociedade ocidental do final do século XX e início do XXI, aproximando realidades que a princípio não parecem conectadas, pois são construídas e mantidas de maneiras diferenciadas.

Apesar da complexa construção de seus romances e seus personagens, percebemos a pequena quantidade de materiais publicados em língua portuguesa sobre Margaret Atwood e sua produção literária. A escolha do tema desse projeto resulta do interesse de realizar uma discussão de um de seus mais reconhecidos romances, abordando a questão do poder e do controle na sociedade distópica criada pela autora para, mesmo que indiretamente, realizar uma reflexão sobre a nossa sociedade e nossa própria divisão de poderes. A personagem Offred sofre com a constante sensação de estar sendo vigiada e julgada por toda a sociedade a sua volta – uma sensação que, cada vez mais acompanha o homem moderno, cercado por inúmeros aparelhos eletrônicos e câmeras de segurança, constantemente apresentando seus hábitos, sua família e seus sentimentos a muitas pessoas nas redes sociais, por exemplo.

Foi possível perceber a existência de poucos trabalhos ou publicações em português que tratassem das obras de Atwood e sua extensão. Por conta disso, é interessante retomar as ideias exploradas em tais pesquisas para que se possa contribuir com o exame da obra *A História da Aia* em território nacional.

Neuman (2006) comenta que a obra, inserida no contexto da década de 80, pode ser considerada uma obra com características fortemente feministas. No próprio artigo, a autora destaca que Offred percebe a importância das relações de poder na sociedade. O foco das relações de poder, nesse trabalho de 2006, está na

questão de gênero, que é uma leitura complementar para o que será abordado nesse projeto.

Rubenstein (1988) indica que a produção de Atwood trata da necessidade feminina de sobrevivência diante dos diversos desafios que encontra, numa sociedade que cada vez mais corta os direitos de liberdade das mulheres, independentemente da classe social. Notadamente em *A História da Aia*, Atwood desenvolve uma sociedade de ansiedades, ligadas especialmente à maternidade e à procriação em uma sociedade patriarcal, tudo encarado a partir de um viés político. Rubenstein (1988, p. 102) cita a própria Atwood: “By ‘political’ I mean having to do with power: who’s got it, who wants it, how it operates; in a word, who’s allowed to do what to whom, who gets what from whom, who gets away with it and how”⁶. Sendo assim, a análise realizada pela autora se aproxima da aqui proposta por tratar do poder relacionado especialmente às questões reprodutivas da sociedade de Gilead.

Kingston (2006) apresenta uma análise da República de Gilead e seu desenvolvimento político, realizando um paralelo com a revolução iraniana de 1979. Esse trabalho pode ser complementar à leitura disponibilizada no apêndice do próprio livro, no qual o regime iraniano já era elencado como um ponto de comparação com o regime de Gilead. Assim, o enfoque no sistema político possui um ponto de encontro com a análise que pretende ser realizada neste projeto, especialmente por encontrarmos exemplos de sistemas de governo com políticas de controle e punição feminina muito agressivas, baseadas nos ideais religiosos, e que ainda vigoram em plena era da tecnologia e da informação.

Considerando os processos disciplinares da sociedade de Gilead, este trabalho selecionou três objetos de controle – o discurso das Tias do Centro Vermelho, a família e a necessidade de procriar, a Bíblia. Na obra são diversos os elementos de controle aplicados sobre a sociedade, mas esses podem ser considerados pontos cruciais para a vida das aias, que são o foco desse trabalho.

Quanto à organização de temas nesta pesquisa, o segundo capítulo se destina a revisitar alguns pontos das reflexões de Michel Foucault em sua obra *Vigiar e Punir* (1987) e também os elementos do pós-modernismo explicitados por Linda Hutcheon em *A Poética do Pós-Modernismo* (1991), para que possamos

⁶ “Por ‘política’ eu quero dizer que tem a ver com poder: quem o tem, quem o quer, como ele funciona; em uma palavra, quem pode fazer o que para quem, quem pega o que de quem, quem não sofre as consequências e como” (tradução da autora deste trabalho).

compreender o sistema de controle construído nas sociedades e também como funciona a produção literária pós-moderna, da qual Atwood é uma representante. Em seguida, no terceiro capítulo, teremos o desenvolvimento das análises, considerando o referencial teórico e outros textos que possam ajudar a encontrar os elementos que estamos buscando. Por fim, serão apresentadas as considerações finais do trabalho.

2 REVISITANDO AS TEORIAS DE FOUCAULT E HUTCHEON

2.1 FOUCAULT: A DISCIPLINA SOCIAL ESMAGADORA

Michel Foucault em sua obra *Vigiar e Punir* (1987) desenvolve uma teoria sobre a tecnologia do poder e suas formas de controle utilizadas na sociedade moderna. Nos últimos séculos, percebemos uma mudança nas formas ocidentais de punição: a transição dos suplícios corporais para a disciplina corporal. Ao invés de ter seu corpo mutilado, torturado, espalhado pela cidade, o prisioneiro agora enfrenta a rotina, o processo de disciplina, de vigilância. Sendo assim, a obra vai tratar não apenas de política, mas de uma política de cerceamento e controle do corpo de quem será punido. Consideraremos particularmente o conceito de panóptico presente na obra.

Yazbek (2012, p. 107-108) indica que a obra de Foucault pode ser separada em três grandes blocos: o suplício do corpo como forma punitiva no século XVII; o surgimento de novas técnicas punitivas e do sistema de poder a partir do século XVIII; e a sociedade disciplinar madura em que estamos inseridos na modernidade. Aqui, um apanhado geral da obra e de seus conceitos chave se faz necessário, pois esses princípios nortearão a forma como o livro *The Handmaid's Tale* será lido para essa análise.

Com a transição do corpo suplicado para o corpo disciplinado, uma nova anatomia da punição é delineada, que pretende controlar os infratores a partir de punições controladas. Apesar das mudanças motivadas pelo humanismo - e pelo horror que as punições físicas passaram a causar - o corpo ainda é o centro da ação punitiva, apesar de o foco ter mudado para os aspectos espirituais. Assim, a partir do século XVIII, "(...) iniciou-se o processo de mudança da prática punitiva, banindo os suplícios e requerendo penas moderadas e proporcionais aos delitos (...)" (YAZBEK, 2012, p. 110). O ato de punir torna-se um ato administrativo, uma responsabilidade do Estado, um ato de defesa da sociedade.

Essas mudanças parecem utilizar a humanidade como medida, mas, na realidade, são motivadas pela nova ordem social, que tem interesse em realizar um aumento nos efeitos da punição, diminuir seu custo econômico e político, tornando-a mais eficaz, constante e detalhada. Mesmo com essa sistematização administrativa,

o sistema apenas muda por fora, como nos diz o próprio Foucault (1987, p. 102): “O que vai se definindo não é tanto um respeito novo pela humanidade dos condenados – os suplícios ainda são frequentes, mesmo para os crimes leves – quanto uma tendência para uma justiça mais desembaraçada e mais inteligente, para uma vigilância penal mais atenta do corpo social”.

Abreu (2012, p. 36) nos diz que a partir dessa nova ordem social “(...) o direito à liberdade, entendido como um bem é suspenso e o caráter, a moral e a alma dos sentenciados passam a ser o alvo, em vez dos corpos (...)”. Por conta disso, Foucault reflete:

(...) Por efeito dessa nova retenção, um exército inteiro de técnicos veio substituir o carrasco, anatomista imediato do sofrimento: os guardas, os médicos, os capelães, os psiquiatras, os psicólogos, os educadores: por sua simples presença ao lado do condenado, eles cantam à justiça o louvor de que ela precisa: eles lhe garantem que o corpo e a dor não são os objetos últimos de sua ação punitiva (...) (FOUCAULT, 1987, p. 14).

Assim, com tantos novos integrantes e mecanismos, surge o conceito chave para a obra: “Nossa sociedade não é de espetáculos, mas de vigilância” diz Foucault (1987, p. 240), pois a tecnologia punitiva moderna tem em seu cerne a vigilância e a distribuição do espaço em favor dessa visibilidade. Essas adequações em favor da visibilidade são chamadas por Foucault de máquina panóptica. Esse conceito surge de uma proposta para a organização do cárcere feita por Jeremy Bentham (1748-1832). Bentham (1995) sugere que uma construção em forma de anel seja feita, com uma torre no centro. O edifício é dividido em celas com duas janelas – uma para fora, por onde entra luz, e outra para dentro, de frente para a torre de vigia. A torre central possui janelas que permitem olhar para as janelas das celas. Assim, quando a torre central tiver um vigilante, todos os presos podem ser vigiados sem serem vistos, devido ao jogo de luz causado pelas duas janelas nas celas.

Esse efeito é muito importante para o panóptico, pois permite “(...) induzir no detento um estado consciente e permanente de visibilidade que assegura o funcionamento automático do poder. Fazer com que a vigilância seja permanente em seus efeitos, mesmo se é descontínua em sua ação (...)” (FOUCAULT, 1987, p. 224). Bentham estabelece dois princípios do poder, adotados também por Foucault: que ele seja visível e inverificável “(...) Visível: sem cessar o detento terá diante dos olhos a alta silhueta da torre central de onde é espionado. Inverificável: o detento

nunca deve saber se está sendo observado; mas deve ter certeza de que sempre pode sê-lo (...)" (FOUCAULT, 1987, p. 225).

O principal é compreender que, para o filósofo, o panóptico não é apenas uma tecnologia das prisões, mas sim um mecanismo de poder presente em instituições como hospitais, escolas, fábricas. O panoptismo extrapola os muros das prisões e passa a ser um componente da sociedade moderna, uma sociedade disciplinar. Assim, o panóptico se torna uma forma de governar, estabelecida antes da própria reforma das prisões, em que todos estamos imersos e fazemos parte, constantemente alimentando o sistema, seja como observador, seja como observado.

2.2 HUTCHEON E A CAÓTICA FICÇÃO PÓS-MODERNA

Hutcheon (1991) complementa a perspectiva teórica desse projeto, servindo como referencial para a literatura pós-moderna. Para a autora, nesse período de produção artística, "o ideológico e o estético tornam-se inseparáveis" (HUTCHEON, 1991, p. 227). Dessa forma, a arte – como toda prática social – existe na e pela ideologia e isso indica as relações de poder dentro da sociedade e como essa representação artística se interliga com o poder. O romance pode construir uma reação contra a repressão social mas ser, ao mesmo tempo, um canal para a voz do repressor possuindo, assim, uma forma ambígua e uma evidente posição política.

A ficção ajuda a colocar ordem no caos em que vivemos, criando uma realidade dentro dela mesma. Dessa forma, a partir da linguagem, o mundo é transformado em literatura e, exatamente por isso, não pode escapar de contaminação ideológica. Uma mesma obra se cria e se contesta, pois estimula que seu leitor seja questionador das interpretações feitas da obra.

É interessante perceber que a relação entre literatura, política e ideologia não é recente – ela pode ser encontrada com força em Shakespeare no século XVI, por exemplo. O discurso literário vem, especialmente nos anos seguintes ao modernismo, sendo um instrumento e um efeito do poder. Na ficção pós-moderna, o poder "não é um simples tema geral de romance. Ele também assume uma poderosa força crítica (...) especialmente no protesto de classe, sexo e raça" (HUTCHEON, 1991, p. 237), ou seja, os romances dos últimos anos dão voz a

grupos sociais que antes não chegariam nem a ser representados nas grandes narrativas. Agora a ficção gera perguntas do tipo “Como é que a cultura representa o sujeito? Como é que ele faz parte dos processos sociais de “diferenciação, exclusão, incorporação e regra” (...) que fazem da representação o “ato de fundamentação” da cultura?” (HUTCHEON, 1991, p. 239). Essas questões colocam o indivíduo como foco e, por conta disso, mesmo os grupos minoritários ganham destaque na ficção pós-moderna e dão aos escritos uma natureza ideológica marcante.

A principal característica desse tipo de narrativa é o caos – um reflexo da realidade moderna. O personagem, o narrador, o autor, as vozes no texto, não apresentam estabilidade. A aproximação entre a história e a literatura é muito forte, pois “o romance mistura acontecimentos e personagens históricos e fictícios, sua estrutura textual também mistura o historiográfico e o romanesco” (HUTCHEON, 1991, p. 241). É, em geral, uma literatura que não traz respostas, mas dúvidas, que possui uma dimensão pública, mas também é pessoal. Ainda, as produções pós-modernas estreitam o laço entre estético e político, uma vez que as duas situações são colocadas em paralelo, em um diálogo contínuo, em que o estético reflete e refrata aquilo que o político impõe à sociedade.

Esse jogo de poder presentes nas narrativas é relacionado a personagem mulher a partir das várias formas que ainda podemos encontrar nas culturas de diferentes estigmas, estereótipos – como o da mulher frágil, que sempre precisa de proteção – e que, devido a essas condições, ainda sofre abusos sexuais, morais, emocionais e psicológicos em vários aspectos de sua vida pessoal, profissional e social.

3 FORMAS DE CONTROLE EM GILEAD:

A História da Aia (1985) de Margaret Atwood é uma obra de ficção, de caráter distópico, narrada em primeira pessoa. A obra é dividida em dezessete partes, intituladas de acordo com os acontecimentos da divisão em questão, a saber: Noite, Compras, Noite, Sala de Espera, Sesta, Família, Noite, Dia de Parto, Noite, Escrituras Espirituais, Noite, De Jezebel, Noite, Salvageria, Noite, Comentários Históricos. Apenas os Comentários Históricos trazem outro narrador, sendo uma transcrição de uma palestra de estudos acadêmicos sobre Gilead anos após a existência da nação. As partes narram rotinas, acontecimentos da vida na casa, relacionamento entre personagens, o treinamento das aias, a vida antes de Gilead.

Quanto à narrativa, ela é construída na primeira pessoa, de maneira não linear, na qual acontecimentos do passado e presente se misturam. Considerando essas características, esse trabalho pretende analisar a narrativa de *A História da Aia*, de Margaret Atwood, partindo de um ponto de vista filosófico, tendo como enfoque os valores políticos da sociedade de Gilead e suas implicações no controle social.

3.1 BANAL É TUDO AQUILO AO QUAL SE ESTÁ ACOSTUMADO

Durante toda a obra, encontramos trechos dos discursos das Tias, responsáveis pela doutrinação das moças recolhidas pelo governo. Elas são lembradas constantemente pois são o divisor de águas entre a pessoa que Offred era e que se tornou agora. O processo disciplinar que envolve a preparação das aias é traumático e, por conta disso, inesquecível.

O processo de doutrinação feminina acontecia no Centro Vermelho – um local grande o suficiente para acomodar todas as moças, algo similar a um convento, onde todas as atividades do dia e da noite são desenvolvidas em um mesmo lugar, fechadas por portas e janelas. Percebemos que a escolha das cores relacionadas à aia não é por acaso – a cor tem enorme apelo sexual, é verdade, mas também nos lembra a sinalização de trânsito, um sinal para não se aproximar, para pararmos, um sinal de interdição tanto para aias quanto para os cidadãos

comuns. No Centro, percebe-se a presença das Tias, mulheres responsáveis pela educação das aias. Nos Comentários históricos sobre *A História da Aia* (ATWOOD, 1987, p. 325), encontramos a palestra realizada pelo (fictício) Professor Pieixoto, um estudioso dos acontecimentos em Gilead. Em certa altura, ele nos diz “(...) havia muitas mulheres dispostas a servirem de Tias, ou por causa de uma fé sincera no que chamavam de ‘valores tradicionais’, ou por causa dos benefícios assim alcançáveis. Quando o poder escasseia, um pouco de poder é uma grande tentação (...)”. Mas não apenas o desejo de perpetuar suas crenças ou por poder movia as Tias – algumas dessas mulheres temiam ser mandadas para as Colônias, onde o trabalho braçal em condições desumanas imperava, seja lidando com resíduos tóxicos, seja trabalhando nas colheitas. Sendo assim, a escolha de se tornar uma Tia era complexa e motivada quase sempre por motivos pessoais.

Na República de Gilead, assim como em qualquer país organizado, a comunicação é feita de duas principais maneiras – a partir da fala e a partir da escrita. Como, para as mulheres, a leitura e a escrita são proibidas, no Centro a principal forma de coerção e controle é a palavra falada, seja a partir do discurso das Tias durante as aulas ou das fofocas realizadas entre alunas.

Arendt (1989, p. 512) diz que “(...) Sempre que galgou o poder, o totalitarismo criou instituições políticas inteiramente novas e destruiu todas as tradições sociais, legais e políticas do país (...)”. Podemos perceber esse processo acontecendo na vida de todas as mulheres a partir das transformações que suas vidas passam a partir da instauração do novo sistema. Quando o presidente é morto e o congresso metralhado, o caos se instaura na sociedade e, após alguns mecanismos de controle serem criados – como barreiras nas ruas, passes de identificação, censura nos jornais –, a população concordou por considerar que o momento pedia cautela. O que todos deveriam fazer era “tocar a vida como de costume” (ATWOOD, 1985, p. 187). Algum tempo depois, porém, o novo regime começa a impedir as mulheres de realizar as tarefas mais cotidianas, como as compras. Quando Offred tenta comprar cigarros como o faz todo dia e seu cartão é recusado, o atendente sorri “como se conhecesse alguma piada secreta que não pretendia me contar” (ATWOOD, 1985, p. 189). No mesmo dia, Offred e suas companheiras são dispensadas do trabalho na biblioteca, como nos mostra o trecho abaixo:

É preciso que lhes diga, disse ele. É a lei, não tenho alternativa. Tenho que dispensar todas vocês. Disse isto quase que com suavidade, como se fôssemos animais selvagens, rãs que ele capturara e prendera num vidro; como se quisesse ser humano. Estamos sendo despedidas? (...)
 Despedidas não, disse ele. Dispensadas. Não podem mais trabalhar aqui: é a lei. (...)
 O senhor *não* pode fazer isso (...)
 Eles estão lá fora, disse; no meu escritório. Se vocês não saírem, eles vão entrar. Deram dez minutos. A esta altura, parecia mais louco do que nunca. (...) lá estavam dois homens fardados, armados de metralhadoras. Era teatral demais para ser verdade; mas lá estavam: duas aparições súbitas, dois marcianos. Havia neles uma qualidade onírica; eram vívidos demais, chocavam-se demais com o ambiente (ATWOOD, 1985, p. 190).

Após tais acontecimentos, Offred fica sabendo que as mulheres não podem mais possuir bens e que agora tudo será administrado por homens. A partir de então, mulheres sem parentes homens ou maridos caem na clandestinidade, o regime se fecha, crianças começam a ser sequestradas, pessoas somem sem motivo aparente. Então, casais de segunda união ou não casados pela igreja oficial do Estado são dissolvidos e as mulheres que já tiveram filhos alguma vez enviadas para serem aias. É o que acontece com Offred e muitas outras mulheres.

Offred se descreve como “(...) Uma Irmã, banhada em sangue” (ATWOOD, 1985, p. 15). A existência das aias é legitimada por um governo que se constrói a partir de corpos mutilados, ensanguentados e a ocupação da aia também se caracteriza pela sexualidade, fertilidade, mas especialmente pela relação sexual forçada. As aias são representadas pelas suas vestes longas, os véus, as luvas. A discricção – apesar das vestes em um vermelho intenso – é uma das principais características da uma aia, assim como de uma freira. Percebemos que independentemente das funções sociais completamente diferentes, tanto aias quanto freiras possuem pontos de contato cruciais, especialmente a religiosidade e o celibato. Quando se depara com a loja que cuida da feitura dos seus vestidos, ela diz que “(...) Algumas pessoas os chamam de *hábitos*, uma boa forma de descrevê-los” (ATWOOD, 1985, p. 32), o que reforça essa proximidade.

“(…) O tempo aqui se mede por repiques de sino, como antigamente nos conventos. Também como num convento, os espelhos são poucos” (ATWOOD, 1985, p.14) nos diz Offred sobre o controle temporal da sua vida na casa do Comandante. Quando se trata da vida no Centro Vermelho, a rotina é tão rígida quanto – momentos de passeio controlados, “(...) As luzes eram abaixadas, mas não apagadas. Tia Sara e Tia Elizabeth faziam a ronda; do cordão de seus cintos de

couro pendiam agulhões elétricos, para gado” (ATWOOD, 1985, p. 10). Nenhuma conversa era permitida, nenhuma troca de experiências ou impressões. A comunicação entre as moças é feita por sussurros, olhares, posições corporais. As Tias, em oposição, possuem total capacidade de comunicação. Além disso, quando o grupo se reúne, elas são as detentoras do poder da palavra.

As Tias tentam convencer – a si próprias, as meninas e ao leitor –, durante toda a obra, que as aias estão em uma posição profética, heroica – uma vez que são as que possuem a capacidade de dar continuidade à sociedade como ela existe. “(...) vocês são tropas de assalto, vocês marcharam na vanguarda, penetrarão em território perigoso. Quanto maior o risco, maior a glória (...)” (ATWOOD, 1985, p.123). Podemos perceber que a doutrinação das aias se aproxima ao treinamento de um verdadeiro soldado se preparando para uma grande guerra, em que nem todas poderão sair vivas. A concepção de triunfo que as Tias têm destoa com o dia a dia das aias, permeados com pensamentos como esses:

(...) Chego a pensar nisso: talvez estejam me drogando. Talvez esta vida que eu creio estar vivendo não passe de um delírio paranóico. Nenhuma esperança. Sei onde estou, quem sou, que dia é. As provações são estas, e estou sã. A sanidade é um valor precioso, que eu guardo como as pessoas antigamente guardavam dinheiro. Faço poupança dela, para ter o suficiente quando chegar a hora certa (ATWOOD, 1985, 119).

Essa romantização da situação da aia nos é apresentada em um outro trecho:

Tia Lydia transita entre as fileiras de mulheres ajoelhadas, de camisa, batendo de leve nas nossas costas, pés, bundas ou braços (...) Queria nossas cabeças na inclinação certa, nossos dedos do pé bem juntos e em ponta, nossos cotovelos no ângulo correto. Parte desse interesse era estético: gostava do efeito visual. Gostaria que tivéssemos um aspecto anglo-saxão, como um baixo-relevo num túmulo, ou anjos de cartão de Natal, idênticas com nossas túnicas de pureza. Mas também sabia do valor espiritual da rigidez corporal, do esforço muscular: um pouco de dor limpa a mente, dizia (ATWOOD, 1985, p. 208).

Percebemos que além do interesse religioso, havia também um certo orgulho no trabalho de Tia pois, mesmo que indiretamente, se poderia moldar as aias da maneira que achasse mais conveniente – ou mesmo bonita. “Nós todas, aqui, vamos moldá-las até lhes dar o feitio certo, diz Tia Lydia, com um bom humor satisfeito” (ATWOOD, 1985, p. 124). Transformá-las em um exemplo de conduta é um dos principais objetivos das Tias, o que, na maioria dos casos, não era feito de

maneira pacífica. Ainda, os trabalhos do Centro Vermelho, a exemplo dos campos de concentração nazistas, não eram de conhecimento de grande parte do povo da recém fundada Gilead. A ausência de conhecimento da sociedade garante o sigilo necessário, para que as aias surjam na sociedade como um elemento de fascínio e escárnio ao mesmo tempo. “No começo, tudo era segredo, escondido atrás de arame farpado. (...) Por isso, embora algumas pessoas tivessem visto uma ou outra Tia, não tinham verdadeira consciência daquilo para que serviam. (...) já não se faziam perguntas, sem necessidade.” (ATWOOD, 1985, p. 261).

3.2 DAI-ME FILHOS, SENÃO EU MORRO. ISSO PODE TER MAIS QUE UM SIGNIFICADO

A família tem, como principais objetivos tradicionais, a reprodução e a transmissão de patrimônio. De acordo com Perrot (2005, p. 458-459), a família pertence tanto ao domínio público quanto ao domínio privado, uma vez que garante o funcionamento econômico, realiza a primeira socialização dos filhos, cuida da pureza, da organização e da saúde da consciência e identidade nacional. Dessa forma, pode-se considerar que, quando encontramos uma formação que seja parecida com a organização familiar, podemos visualizar um enorme jogo de poderes em acontecimento.

A sociedade de Gilead, enquanto sociedade fortemente baseada em princípios religiosos tradicionais, acaba por girar, também, em torno da família. A partir do momento em que o homem e a mulher não são mais capazes de cumprir a promessa de se multiplicar sobre a terra⁷, a capacidade geradora de vida torna-se um dom raro. Sendo assim, surge a necessidade de se reconfigurar o espaço familiar, colocando no centro do funcionamento privado as aias. “Não há crianças” (ATWOOD, 1987, p. 30), diz Offred enquanto contempla as ruas da cidade enquanto anda com sua parceira Ofglen.

“A família é o cruzamento da sexualidade e da aliança. Neste dispositivo, o corpo feminino é uma questão de poder, um lugar estratégico da esfera privada e pública, um ponto de apoio da biopolítica (...)” nos diz Perrot (2005, p. 495). Na sociedade de Gilead, essa também é a realidade, pois o corpo feminino é mais do

⁷ Gênesis 1, 22.

que nunca uma questão de poder, uma vez que apenas as famílias mais ricas e bem posicionadas com o governo podem ter acesso a um bom casamento com uma mulher fértil – quem for muito sortudo – ou podem pedir uma aia, um verdadeiro artigo de luxo na sociedade de Gilead, pois os herdeiros são cada vez mais raros.

A organização da família capaz de bancar uma aia é essa: um Comandante, membro do alto escalão do governo, a pessoa que tem acesso à palavra escrita da Bíblia, um verdadeiro patriarca enfiado em seu escritório entre seus papéis, vestido de preto; sua esposa, que tem acesso às outras esposas, possui vida social intensa, cuida dos afazeres domésticos dando ordens às criadas, possui hobbies simples que não envolvam leitura ou escrita, proibidas a todas as mulheres. Vestem azul. Se o casal não for capaz de gerar filhos, o Comandante então escolhe uma aia, caracterizadas pelas vestes vermelhas e suas aletas brancas. As aias levam uma vida regrada, sem excessos na comida e sem nenhum acesso a drogas e bebidas. Ainda, saem dos seus aposentos, salvo exceções, em cinco momentos: para participar da cerimônia para tentar engravidar; para fazer as compras da casa; para participar dos partos das outras aias; para participar de cerimônias oficiais do Estado; para ir ao médico. Por último, percebemos que os outros membros de uma família comum em Gilead são as Martas, mulheres mais velhas, infértéis, caracterizadas pelas vestes verdes, o trabalho duro e as redes de fofocas.

Percebemos, assim, que o funcionamento dessa organização familiar depende de muitas partes distintas, que nem sempre se encontram em harmonia. As esposas e as aias, por exemplo, vivem em conflito silencioso: “não é fácil para elas” (ATWOOD, 1985, p. 20), diz Tia Lydia numa das suas inúmeras pregações. A partir das mudanças implantadas pelo regime, lidar com a necessidade de um ritual sexual, com sua própria incapacidade de ter filhos e com a presença de outra mulher que, não raramente, acaba roubando as atenções do seu marido gerava nas mulheres de azul uma inimizade natural com as mulheres de vermelho. A possibilidade disso acontecer é tão real que a própria Tia Lydia, que se mostrou compreensiva com a situação das esposas anteriormente, preocupa-se com a integridade das inúmeras aias que está treinando no Centro Vermelho:

Não é com os maridos que vocês precisam tomar cuidado, dizia Tia Lydia. É com as esposas. Vocês devem, sempre, tentar adivinhar o que elas estão sentindo. É claro que elas terão raiva de vocês. Isto é apenas natural. Tentem sentir o que elas sentem. Tia Lydia se achava muito competente para avaliar os sentimentos alheios. Tentem sentir pena delas. Perdoem-

nas, pois elas não sabem o que fazem. Mais uma vez, o sorriso trêmulo, suplicante, as piscadelas míopes, os olhos revirados atrás dos óculos redondos, de aros de aço, que ela dirigia para o fundo da sala de aula (...). Vocês tem que compreender que elas são mulheres derrotadas. Que se mostraram incapazes de...

Sua voz se perdia no ar e sobrevinha uma pausa, durante a qual eu conseguia ouvir um suspiro, um suspiro coletivo de todas as presentes. (...) O futuro está nas mãos de vocês, ela prosseguia. Estendia as próprias mãos para nós, no gesto arcaico que tanto pode ser uma oferenda como um convite para um abraço, uma aceitação. Nas mãos de vocês, repetia, olhando para as próprias como se elas tivessem lhe dado tal idéia [sic]. Mas não havia nada nelas. Estavam vazias. Eram as nossas mãos que deviam estar cheias, cheias de um futuro que podia ser colhido, mas não visto. (ATWOOD, 1985, p. 55).

Não são apenas as esposas que não gostam das aias. As esposas comuns, que acumulam as responsabilidades das esposas, das aias e das Martas, também desprezam as aias, à sua própria maneira: "(...) Sob o seu véu, a primeira da fila fecha a cara para nós. Uma outra se desvia, cospe na calçada. (ATWOOD, 1985, p. 52)". A posição de aia, portanto, pode trazer tanto privilégios sociais para as moças forçadas a essa posição, como comida garantida, um local para morar, proximidade com a classe de prestígio, etc, quanto exclusão social, uma vez que as aias são consideradas prostitutas, mulheres vendidas, indignas, ou exposição pública, para as esposas.

Ainda sobre a família, percebemos que a obra dedica toda uma sessão a ela. Nela, é descrito o ritual de fertilidade, a tentativa de ter um filho, o desejo de criar um núcleo familiar tradicional. O ritual se dá quando a relação entre os membros da família é mais regida pelas obrigações sociais e religiosas. Enquanto espera os outros membros chegarem na sala, Offred pensa que "(...) A postura do corpo é importante, aqui e agora; pequenos desconfortos são coisas instrutivas" (ATWOOD, 1985, p. 89), indicando que cada menor movimento pode ser percebido e identificado como errado ou revolucionário. "(...) *Vassalos*: é o que somos. O Comandante é o senhor de sua família. Sua família somos nós. Que ele cuida e guarda, até que a morte nos separe" (ATWOOD, 1985, p. 91) também pensa, enquanto espera, pacientemente, por um ritual do qual não quer participar mas do qual, ao mesmo tempo, não pode fugir. Todos os membros da casa, inclusive o motorista, se reúnem para rezar e pedir pela verdadeira benção que é ter um filho. A vida de Offred corre risco, uma vez que uma aia que não concebe no período de dois anos sofre uma grande punição.

Durante a obra *Offred* chega a engravidar, mas não acompanhamos o prestígio que segue uma aia grávida. A poderosa capacidade criadora das aias nos é revelada especialmente a partir da gravidez de Janine, aia de outra família. “(...) Ela é para nós uma presença mágica, um objeto de inveja e de desejo, o alvo da nossa cobiça. É uma bandeira no alto de uma colina (...) nós ainda podemos nos salvar” (ATWOOD, 1985, p. 33). Janine resolve ir às compras, juntamente com todas as aias, para “(...) se mostrar. Está radiante, corada, desfrutando de cada minuto da situação.” (ATWOOD, 1985, p. 34). Estar grávida e conseguir manter a gravidez até seu fim é uma grande oportunidade de empoderamento para uma aia, uma vez que sua principal função social está sendo cumprida. Porém, ao mesmo tempo que é um momento de triunfo, é um momento de medo, pois “(...) Agora que ela é uma portadora de vida, está mais perto da morte (...). Pode ser vítima do ciúme, não seria a primeira vez. Todas as crianças são desejadas, hoje em dia; mas não por todo mundo.” (ATWOOD, 1987, p. 33).

Dessa forma, podemos identificar que constituir uma família ou ter um filho na sociedade de Gilead é uma aposta alta, pois o bebê pode nascer e não sobreviver – é o que acontece com Janine –, alguém pode atentar contra sua vida, você pode não querer entregar seu bebê para a família ou você pode simplesmente não engravidar e ser enviada para realizar trabalhos forçados. Em um momento da obra, temos um Comandante guiando uma sessão de oração em que ele diz que a mulher “(...) pode ser salva pelo milagre do parto, caso viva na fé, na caridade e na santidade. (...)” (ATWOOD, 1987, p. 236). Na sociedade de Gilead, essa frase é uma cruel realidade.

3.3 BÍBLIA: O LIVRO MAIS PODEROSO DE TODOS OS TEMPOS

Quando entramos em contato com *A História da Aia* percebemos que a sociedade de Gilead é, como a em que vivemos, baseada em princípios cristãos. Dessa forma, cabe refletir um pouco sobre o poder controlador que a religião e a palavra religiosa possuem. Sobre isso, Abreu (2012, p. 45) nos diz:

Foucault assinala que nas sociedades existem narrativas que se perpetuam, pois são repetidamente contadas, outras narrativas são apenas resgatadas em um determinado contexto e existem aquelas que se perdem e cessam de serem transmitidas. Por isso, existe um desnível entre os discursos, pois os que se perpetuam são constantemente retomados, sendo reatualizados

na esfera cultural como os textos religiosos e jurídicos, possuindo um *status* diverso daqueles que são apenas contextuais. A Bíblia, por exemplo, dialoga, há milênios, com as mais diversas sociedades, reatualizando-se e construindo novos discursos a partir de sua matriz (...).

Sendo assim, percebemos que em Gilead, a partir da conquista do apoio da maioria da população via discurso religioso, o próprio significado da palavra bíblica passa a mudar aos olhos do regime, sendo considerada a partir de agora lei universal. Um exemplo radical dessa ressignificação é a Cerimônia de fertilidade realizada entre o Comandante, Offred e sua esposa. No texto bíblico (Gênesis, 30, 1-6) lemos:

Raquel, vendo que não dava filhos a Jacó, teve inveja da sua irmã: “Dá-me filhos, disse ela ao seu marido, senão morro!” E Jacó irritou-se com ela. “Acaso, disse ele, posso eu pôr-me no lugar de Deus que te recusou a fecundidade?” Ela respondeu: “Eis minha serva Bala: toma-a. Que ela dê à luz sobre meus joelhos e assim, por ela, terei também filhos.” Deu-lhe, pois, por mulher sua escrava Bala, da qual se aproximou Jacó. Bala concebeu e deu à luz um filho de Jacó. Disse então Raquel: “Deus fez-me justiça. Ele ouviu minha voz e deu-me um filho.”

Esse trecho do Antigo Testamento é lido para todos os membros da família nas noites da Cerimônia, como analisado na seção acima. Porém, a Cerimônia entre as famílias, ao invés de harmoniosa e lindamente descrita, é narrada dessa forma (ATWOOD, 1985, p. 104-105):

Meus braços estão levantados; ela segura as minhas mãos, cada mão sua segura uma das minhas. Isto pretende demonstrar que somos uma mesma carne, um mesmo ser. Significa, na verdade, que é ela quem controla o processo e, conseqüentemente, o produto. Se houver. Os anéis de sua mão esquerda me machucam os dedos. Talvez uma vingança, talvez não. Minha saia vermelha está arregaçada até a cintura, apenas. Abaixo dela, o Comandante fode. O que ele fode é a parte inferior do meu corpo. Não digo que faça amor, pois não é o que faz. Copular também seria inexato, uma vez que implica em duas pessoas e, neste caso, só há uma envolvida. Nem estupro refletiria a verdade: nada aqui se faz sem minha anuência. A escolha não era muita, mas havia alguma; e foi isto que eu escolhi. (...) O que acontece agora neste quarto (...) não tem nada de excitante. Não tem nada a ver com paixão, amor, romance ou qualquer dos conceitos que usávamos para nos estimular. (...) Isto aqui também não é recreação. Nem mesmo para o Comandante. É um assunto sério. O Comandante também está cumprindo com seu dever.

Percebemos, ao comparar os dois textos, a verdadeira releitura dos acontecimentos bíblicos em movimento na sociedade de Gilead – seja para o bem

ou para o mal. A narração ídlica bíblica é substituída pelo dever, pela relação sexual sem nenhum sentimento envolvido, algo ritualístico. Essa reconstrução de um discurso canônico é um dos pilares do controle exercido nessa sociedade uma vez que os discursos são quase sempre manipulados.

A Bíblia é um dos textos fundantes da nossa sociedade. Muito além de apenas ser leitura de religiosos, a coletânea de livros reina no inconsciente coletivo de todos os ocidentais e justifica atitudes de autoridades durante séculos. A sociedade de Gilead, conforme já indicado, é especialmente religiosa. Ela apresenta traços de um regime teocrático, em que as ideias religiosas convivem lado a lado com as ideias políticas. Considerando isso, para garantir a doutrinação total da sociedade, a palavra bíblica retrai-se a características medievais, onde apenas os homens de grande poder e os sacerdotes possuem seu conhecimento – o Comandante, por exemplo, pode ler a Bíblia apenas no contexto do ritual de fertilidade; a nenhum outro membro da casa essa atividade é destinada. “(...) Ele possui algo que nós não possuímos, ele tem a palavra. Como nós a desperdiçávamos, outrora!” (ATWOOD, 1985, p. 99).

Não apenas o direito ao conhecimento da palavra religiosa é cerceado, mas mesmo quando ela é utilizada como forma de doutrinação ela é modificada para atender os interesses do estado. Na página 100 (ATWOOD, 1985), ficamos sabendo que Offred ouvia constantemente, na hora do almoço no Centro Vermelho, as Bem-aventuranças. “(...) Bem-aventurados os que se calam. Esta última, eu sabia, era invenção deles, aquilo não existia. Outras coisas eles omitiam, mas eu não tinha como verificar. (...)”.

“(...) A Bíblia fica trancada, do mesmo modo como ficava o chá antigamente, para que os empregados não o roubassem. É um objeto incendiário – quem sabe o que não aprenderíamos nela, se ficasse desprotegida, ao alcance das nossas mãos? Pode ser lida para nós, por ele, mas nós não podemos lê-la (...)” (ATWOOD, 1985, p.97-98). A partir da organização de Gilead, as mulheres perdem, entre outros, o direito de ler e escrever. Mesmo os cidadãos homens comuns perdem a oportunidade de entrar em contato com a palavra religiosa, pois além de ser um livro de normas de conduta, a Bíblia também trata de valores e virtudes para se atingir a paz entre grupos o que, numa sociedade que se alimenta da guerra como uma constante na vida dos habitantes, não é de interesse governamental.

A Bíblia é também usada como um regimento de comportamento para as aias. “(...) Agora, nem mesmo anestesia [no parto]. Tia Lydia dizia que era melhor para o bebê, mas acrescentava: *Multiplicarei os sofrimentos do teu parto; darás à luz com dores.*” (ATWOOD, 1985, p. 125). Esse trecho é encontrado no livro do Gênesis, logo após a traição humana, no Éden. É uma das falas de Deus, utilizada durante séculos para justificar a inferioridade feminina, a necessidade de as mulheres terem que pagar algum preço socialmente, sua falta de merecimento de confiança.

Na sociedade de Gilead, o papel das aias é representado pelas duas características fortes no livro do Gênesis – a divindade e a culpa. A ocupação das aias é legitimada por Deus e seus representantes nesse mundo, mas é, ao mesmo tempo, um símbolo da falha humana, um lembrete de que toda a humanidade destruiu o mundo em que vivia, que os avanços tecnológicos vieram com um preço caro.

Na sociedade de Gilead, conforme análises anteriores, muitas ações são justificadas pela palavra religiosa. Em paralelo com a Inquisição e com algumas ações realizadas no Oriente Médio, em Gilead também se julga, pune e expõe prisioneiros em um local público: o Muro.

Para ser colocado no Muro, a pessoa precisa ter transgredido alguma regra, seguir outra tradição religiosa, não ser heterossexual, ou, o pior de todos os crimes, ser um rebelde. Uma vez capturadas, essas pessoas são enviadas para momentos conhecidos como Salvagerias, divididos entre momentos exclusivos para os homens e as mulheres. A Salvageria Feminina de que Offred participa na obra recebe também uma seção exclusiva na obra.

Mesmo nas cerimônias de Salvageria, as aias tem um lugar de destaque, “(...) onde podemos ser vigiadas por todos (...)” (ATWOOD, 1985, p. 289). Para realizar a cerimônia, é preciso um cortejo oficial, composto por uma Tia, duas Salvadoras, que fazem o papel de carrascas, e todas as outras Tias, que ocupam o palco. Geralmente, os crimes realizados pelas mulheres culpadas eram detalhados, mas na cerimônia encontrada na obra isso não acontece, pois “(...) chegamos à conclusão de que um informe público, especialmente quando televisado, conduz a uma epidemia (...) de crimes exatamente iguais (...)” (ATWOOD, 1985, p. 291). Percebemos, assim, que o controle de informação transmitida nos veículos de

comunicação em Gilead sofre cortes sistemáticos, considerando-se sempre as repercussões que as liberdades têm nas ações das pessoas. Apesar dessa preocupação, sabemos, também, que essas cerimônias sofrem edições, “não é uma transmissão ao vivo” nos informa Offred (ATWOOD, 1985, p. 292).

Quando as execuções vão realmente começar, eis o que Offred nos conta (ATWOOD, 1985, p. 292):

Já vi isso antes, o saco branco enfiado na cabeça, a mulher sendo ajudada a subir no tamborete alto, como se fosse o degrau de um ônibus, enquanto a seguram para não cair; a laçada sendo ajustada delicadamente em volta do pescoço, como uma peça de roupa; o tamborete chutado para longe. Ouvei o prolongado suspiro que se eleva ao meu redor, um suspiro que parece o ar escapando de um colchão inflável: vi Tia Lydia tapar o microfone com a mão, para abafar os sons que vêm de trás dela; me debrucei para segurar a corda à minha frente, com as duas mãos, junto com as outras, a corda de fibras longas, pegajosa de piche amolecido pelo sol, levando depois a mão ao coração, para demonstrar minha comunhão com as Salvadoras e o meu consentimento, minha cumplicidade na morte desta mulher. Vi os pés que se debatem, e as duas mulheres de preto que agora os seguram, puxando-os para baixo, com toda a força. Não quero ver mais. Em vez disso, olho para a relva. Descrevo a corda.

O que acontece é um verdadeiro martírio em praça pública, onde os criminosos são expostos à vergonha pública, ao asco da população, e ao terror, pois alguém da multidão que assiste vai estar na próxima cerimônia.

Após a morte das mulheres, as aias presentes recebem um outro condenado, um homem considerado um estuprador. “(...) A penalidade por estupro, como vocês sabem, é a morte. Deuteronômio 22.23-29 (...)” (ATWOOD, 1985, p. 294) diz Tia Lydia, enquanto incita todas as aias à violência. De acordo com ela, a aia violentada estava grávida, e o bebê morreu. “(...) O bebê também, depois de tudo que temos que enfrentar! É verdade, existe uma sede de sangue: quero rasgar, furar, dilacerar.” (ATWOOD, 1985, p. 294). Quando a fúria das mulheres chega ao máximo, elas são liberadas para fazer justiça com as próprias mãos. “(...) Agora se ouvem sons, resfôlegos, um barulho baixo que lembra um rosnado, gritos, os corpos vermelhos se projetam para a frente, não vejo mais nada, ele fica escondido pelos braços, punhos, pés. Um grito penetrante se eleva de algum lugar (...)” (ATWOOD, 1985, p. 295). Percebemos, então, que a sociedade de Gilead ainda realiza os martírios corporais que Foucault (1987) considera superados nas sociedades modernas. Esse retrocesso tem a ver com a necessidade de se estabelecer exemplos a partir do estímulo visual e do medo:

Paramos ao mesmo tempo, como quem obedece um sinal; e ficamos olhando para os corpos. Não tem importância que olhemos: é para isso que eles estão aqui, pendurados no Muro. Às vezes ficam pendurados aqui por vários dias, até chegar uma nova leva, para que o maior número possível de pessoas tenha a oportunidade de vê-los (ATWOOD, 1985, p. 39).

Percebemos, assim, que no romance a Bíblia não é um livro sagrado que poderá trazer salvação espiritual para a humanidade, mas sim um livro de castração, de controle e opressão, no qual estão escritos os ditames da vida perfeita. O resultado disso é o medo e o desejo de possuir sempre mais poder para que se possa possuir mais regalias, um aspecto que não será abordado nesse trabalho, mas que também é muito frutífero.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando o foco de análise desse trabalho – os elementos de controle utilizados para doutrinar e regular as aias, em especial Offred –, pôde-se refletir, de diversas maneiras, acerca da construção dos instrumentos de controle em uma sociedade opressora. Certamente, o controle social está presente em várias esferas dessa sociedade, mas as selecionadas nesse trabalho – família, escola/local de doutrinação e religião – são as mais comuns para as sociedades do mundo todo.

O silêncio e a falta de informação são elementos que favorecem o poder exercido sobre os cidadãos em Gilead. “O que vocês não sabem não pode tentá-las, costumava dizer Tia Lydia” (ATWOOD, 1987, p. 209), ou seja, não conhecer maneiras de se libertar, não poder escrever suas histórias – mesmo a história de Offred é narrada oralmente, de acordo com os Comentários Históricos presentes na obra –, não possuir poder de ler um livro ou conhecer modos de vida diferentes é a maior forma de tentar controlar as aias, especialmente as meninas que já nascerem em uma sociedade organizada dessa maneira.

Mesmo Offred nos indica que “(...) A Queda foi uma queda da inocência para o conhecimento.” (ATWOOD, 1987, p. 209) enquanto reflete se gostaria de saber onde seu marido e sua filha estariam. Em alguns momentos, a escolha entre conhecimento e ignorância – que aqui pode ser considerada como não conhecer o que realmente acontece ou escolher ignorar o que acontece – pode ser difícil e pode ter consequências devastadoras, seja a eterna dúvida do paradeiro deles ou a certeza de que estão mortos. Sair do seu paraíso pessoal, mesmo que ele seja inventado em um momento de crise, é uma das grandes problemáticas dessa obra.

Além da questão do conhecimento, não podemos ignorar que a base religiosa de Gilead também aparece aqui, uma vez que esse trecho faz clara menção à expulsão do ser humano do paraíso, onde Adão e Eva provam o fruto do conhecimento e recebem suas penalidades. Offred prefere não repetir o erro.

Quando se trata da construção da sociedade de Gilead, percebemos que ela está constantemente ecoando nas sociedades no mundo todo. O regime do Taleban no Afeganistão, por exemplo, apresentou as seguintes regras para a sociedade quando conseguiu o poder:

As mulheres não devem sair de suas residências. Se o fizerem, não devem usar trajes elegantes, produtos cosméticos ou atrair atenção desnecessária. (...) Não é permitido às mulheres trabalhar fora do lar ou frequentar escolas. (...) São proibidas a confecção de roupas femininas e a tirada de medidas corporais por alfaiates. Caso mulheres ou revistas de moda sejam vistas numa alfaiataria, o infrator será preso (...) (LOGAN, 2006, p. 4-5)

Podemos perceber uma semelhança grande com as proibições enfrentadas pelas mulheres na sociedade de Gilead e no Afeganistão. Diferentemente do que muitos imaginam, a facilidade de transição de um regime com certa liberdade para outro onde não há saída é muito silenciosa e devastadora. Offred nos narra que antes que pudesse se dar conta, as coisas já estavam acontecendo, as mulheres já tinham perdido seus direitos. “Quando os Talebans chegaram eu não percebi o que estava acontecendo (...) Os Talebans vieram à noite, e ao acordar nos deparamos com eles, e tudo parecia estar em paz. Ficamos contentes porque pensamos que seria bom” (LOGAN, 2006, p. 58). As situações em que o poder está em jogo nem sempre ficam claras para a população em geral.

Além disso, é preciso considerar que a sociedade de Gilead tinha necessidades que deveriam ser satisfeitas, especialmente a necessidade de herdeiros. O que ocorreu foi uma verdadeira inversão do conhecimento sobre sexualidade para algo mais “primitivo”, baseado apenas no interesse reprodutivo – baseando-se no conhecimento bíblico fundante da sociedade ocidental. Dessa forma, a sociedade ainda contava com um sistema:

um conjunto de arranjos através dos quais a matéria-prima biológica do sexo e da procriação humanas é moldada pela intervenção humana e social e satisfeita de forma convencional, pouco importando o quão bizarras algumas dessas convenções podem parecer (RUBIN, 1993, p. 5).

Sendo assim, as sociedades sempre encontrarão, especialmente nos momentos de crise, apoio nas mais diversas formas de discursos e crenças para justificar as maneiras que encontraram para solucionar seus problemas.

Apesar da rigidez do sistema em Gilead, há ainda espaço para a rebeldia, uma temática não explorada nesse trabalho, como por exemplo quando Offred deliberadamente se relaciona com o motorista da família, tanto para tentar desesperadamente um herdeiro quanto para seu próprio prazer. Pode-se ainda considerar as questões relacionadas ao corpo feminino e a identidade feminina numa sociedade tão opressora.

REFERÊNCIAS

ABREU, Relines R. de. **O (des)velar de ideologias em *The handmaid's tale*: vozes/discursos entrelaçados nas amarras do poder**. 2012. 118f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Viçosa. Viçosa, 2012.

ARENDT, Hannah. **Origens do totalitarismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. 562p.

ATWOOD, Margaret. **A história da aia**. São Paulo: Marco Zero, 1987. 329p.

ATWOOD, Margaret. **The handmaid's tale**. London: Vintage, 1996.

BENTHAM, Jeremy. **The panopticon writings**. London: Verso, 1995.

BÍBLIA. São Paulo: Ave Maria, 2000.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 1987. Tradução de Raquel Ramallete. 288p.

HUCTCHEON, Linda. **Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção**. Rio de Janeiro: Imago, 1991. Tradução de Ricardo Cruz. 330p.

KINGSTON, Paul. The Joyless Republic of Gilead: Reflections of a Political Scientist on the Operatic Production of Margaret Atwood's *The Handmaid's Tale*. **University of Toronto Quarterly**. v. 75, nº 3, 2006, pp. 834-835. Disponível em: <http://muse.jhu.edu/journals/university_of_toronto_quarterly/toc/utq75.3.html>. Acesso em: 25 jun. 2013.

LOGAN, Harriet. **Mulheres de Cabul**. São Paulo: Geração Editorial, 2006.

NEUMAN, Shirley C. 'Just a Backlash': Margaret Atwood, Feminism, and *The Handmaid's Tale*. **University of Toronto Quarterly**. v. 75, nº 3, 2006, pp. 857-868. Disponível em: <http://muse.jhu.edu/journals/university_of_toronto_quarterly/toc/utq75.3.html>. Acesso em: 25 jun. 2013.

PERROT, Michelle. **As mulheres e os silêncios da história**. Bauru: EDUSC, 2005. 519p.

REGO, Antonio C. P. do. **O congresso brasileiro e o regime militar (1964-1985)**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008.

RUBENSTEIN, Roberta. Nature and nurture in dystopia – The Handmaid’s Tale. In.: **Margaret Atwood: vision and forms**. Illinois: Illinois University, 1988.

RUBIN, Gayle. **O tráfico de mulheres**: notas sobre a “economia política do sexo”. Recife: SOS Corpo, 1993.

SILVA, Alexander M. O fantástico como estratégia literária pós-moderna em A história da aia, de Margaret Atwood. In: **Linguagem – Estudos e Pesquisas**. v. 14, nº 1, 2010. Disponível em: <<http://www.revistas.ufg.br/index.php/lep/article/view/23962>>. Acesso em: 25 jun. 2013.

YAZBEK, André C. **10 lições sobre Foucault**. Petrópolis: Vozes, 2012.